

# A PROBLEMÁTICA DO SUJEITO INGÊNUO

Autores:

Arthur Arruda Leal Ferreira  
(*arleal@superig.com.br*)

Christiane Miranda dos Santos  
(*christianemiranda87@ig.com.br*)

Geovana de Azevedo Gomes  
(*giazevedogomes@gmail.com*)

Natália Barbosa Pereira  
(*nataliasemacento@ig.com.br*)

## 1) Introdução

O objetivo deste trabalho é tentar compreender de que maneira a existência de uma cultura psicológica pode atuar na produção do saber psicológico. Para acompanhar essa questão, além de pensar nos modos de produção de subjetividade no campo da psicologia, veremos de que forma se relacionam suas diversas orientações tendo em vista sua comum eficácia em formar um campo de autoridade científica.

Para explicar a pluralidade do campo psicológico, partiremos de um modelo designado Máquina de Múltiplas Capturas (Ferreira, 2001). O funcionamento desta Máquina ocorreria em algumas fases. Em um primeiro momento pode-se dizer que todas as psicologias advêm de uma série de experiências sociais ou psicotécnicas como a busca de verdades via confissão, a tentativa de disciplina sobre as condutas individuais, o exame das nossas experiências pessoais visando preveni-las das ilusões, a tentativa de controle da loucura, ou ainda o isolamento e ortopedia da infância. Num segundo momento, estas práticas demandariam um lastro de verdades, buscado em métodos e conceitos das ciências naturais como a física, fisiologia, biologia e ciências informacionais. Deste cruzamento de conceitos e métodos científicos com práticas sociais surgiriam as diversas orientações psicológicas.

Num terceiro momento este cruzamento das psicotécnicas com os modelos e métodos de diversas ciências viria a produzir novas formas de subjetivação, dado o poder das diversas psicologias de enunciar as nossas verdades. Aqui haveria uma reordenação das práticas sociais, produzindo um efeito cultural massivo da psicologia.

Nesse aspecto, é importante revisitar a questão da pluralidade da psicologia num quadrante “mais além das epistemologias”, calçado agora nos Estudos Científicos de Bruno Latour (e também na Política epistemológica de Isabelle Stengers e Vinciane Despret). Aqui, a pluralidade é tomada num sentido positivo. Nas palavras de Despret (1999), a psicologia é composta de versões que se tornam mais fecundas na medida que guardam referência às demais. O problema ocorreria quando estas versões buscam operar de modo totalizante, gerando visões, que excluem as demais. Este raciocínio não seria exclusivo para a psicologia; valeria para as demais ciências e refletiria o sentido específico que a epistemologia política de Stengers e Despret confere ao termo generalização. Latour (2004, 220), comentando esta epistemologia política destaca seu o sentido específico: “a generalização deve ser o veículo para se viajar através do maior número de diferenças possíveis – então maximizando as

articulações – e não uma forma de diminuir o número de versões alternativas do mesmo fenômeno”.

Para se entender de modo mais detalhado a forma de produção de subjetividade da psicologia, é necessário entender o que estes autores entendem por conhecimento científico, notadamente através do modelo de *sistema circulatório* proposto por Latour (2001). Este artigo será tomado como representativo, uma vez que condensa uma série de contribuições de outros trabalhos (Latour, 1983, 1985, 1997 e 1998) em um único modelo. Para este (assim como para Stengers e Despret), o conhecimento se daria como articulação e co-afetação entre diversos atores, na produção inesperada de efeitos, e não no salto representacional dado na identidade entre uma sentença ou hipótese prévia e um estado de coisas, a ser progressivamente desvelado. Para Despret (2002: 92), o conhecimento científico operaria nas margens do “mal-entendido de realização”, como “aquele no qual os acontecimentos podem se atualizar, simplesmente porque a promessa que eles encerram pode se realizar”. Neste sentido, a influência não é vista como um artifício parasitário a ser purificado, mas uma promessa eficaz na relação entre pesquisadores e entes pesquisados.

E por que o trabalho científico é comparado, por Latour, ao sistema circulatório? Porque não se deve perguntar apenas pelo “coração da ciência”, mas por todo o seu conjunto, o seu vasto e denso sistema de redes e capilaridades. Da mesma maneira que em nosso sistema circulatório não se deve perguntar somente se em essência ele é coração ou veias e artérias, nas ciências não devemos nos bastar apenas na sua rede conceitual ou no contexto social. Esta antiga querela, sustentada pelos historiadores da ciência no debate entre internalismo contra externalismo leva à concepção do conhecimento científico, ora como produzido a par de sua rede coletiva, como idéias flutuando “no céu” (internalismo); ora como um mero fenômeno social, sem entender a especificidade das ciências (externalismo).

Tentando superar esta oposição entre os internalistas e externalistas (e entre ciência e sociedade) é que Latour irá propor o seu *sistema circulatório*, composto por uma série de circuitos, como:

1) Mobilização do mundo, ou conjunto de mediações aptas a fazer circular os entes humanos e não-humanos através do discurso (instrumentos, levantamentos, questionários e expedições); 2) Autonomização, ou a delimitação de um campo de especialistas em torno de uma disciplina, capazes de serem convencidos ou entrarem em controvérsia; 3) Alianças, ou recrutamento do interesse de grupos não científicos, como militares, governamentais e industriais; 4) Representação Pública, ou o conjunto de efeitos produzidos em torno do cotidiano dos indivíduos; 5) Os Vínculos e Nós, que dizem respeito ao coração conceitual, que amarra todos os demais circuitos.

Sem a circulação e mobilização de todos estes circuitos não seria possível entender a manutenção de um trabalho científico, como por exemplo, o de Frédéric Joliot, na tentativa de montagem de uma bomba de nêutrons, assim como descreve Latour em “*A esperança de Pandora*”. Para a montagem desta bomba foi necessário não apenas uma rede de conceitos científicos, mas a constituição de laboratórios, a parceria de especialistas, e o interesse do governo, da indústria e dos militares, além do apoio da opinião pública.

Sendo assim, como distinguir uma boa e uma má articulação nesses sistemas circulatórios?

1) Sobre os conceitos, espera-se que eles articulem o maior número de elementos, apontando em si para o maior número de outras versões sem excluí-las. 2) Sobre a comunidade de cientistas, aliados e público, espera-se um máximo entrelaçamento de seus interesses. 3) Sobre os modos de mobilização do mundo, buscam-se formas de testemunho inventivas, sem a extorsão burocrática dos entes pesquisados. Para tal são necessários

dispositivos que viabilizem relações *recalcitrantes*, ou seja, que se abram ao risco de invalidação das questões e proposições do pesquisador e a colocação de novas questões pelos entes pesquisados.

Se algo une as diversas psicologias é a sua múltipla capacidade de fabricar sujeitos, “eus artificiais” (Latour, 1998) seja na divulgação do seu saber, mas também no trato, diagnóstico e nas atividades de pesquisa. Esta articulação produtiva de subjetividades na pesquisa não é concebida, como visto, como um resto parasitário. O problema é que de forma muito freqüente faz-se presente a extorsão de seus testemunhos (Stengers, 1989); não apenas pelo modo como as tarefas são demandadas, mas especialmente pela forma como estes testemunhos se colocam, raramente apresentando problemas ou questões. Esta idéia é consoante com a distinção operada entre a freqüente obediência e à docilidade à autoridade científica dos seres humanos em oposição à recalcitrância dos seres não-humanos:

*“Contrário aos não-humanos, humanos tem uma grande tendência, quando colocados em presença de uma autoridade científica, a abandonar qualquer recalcitrância e se comportar como objetos obedientes oferecendo aos investigadores apenas declarações redundantes, confortando então estes investigadores na crença de que eles produzem fatos 'científicos' robustos e imitam a grande solidez das ciências naturais” (Latour, 2003: 217)*

De modo mais específico, o objetivo deste artigo foi estudar empiricamente esta produção de subjetividades nos saberes psicológicos, ou seja, as formas de articulação geradas em suas teorias e práticas diversas. A hipótese formulada foi de que os sujeitos pesquisados se apresentariam de maneira *dócil* em relação à figura do pesquisador. Isso ocorreria ao fato de nas pesquisas tradicionais, o pesquisador coloca o sujeito em uma posição ingênua, como se este possuísse uma essência, que está ali para ser captada para além de sua subjetividade. O que se pensou para esse estudo então foi justamente que essa posição conferida ao sujeito pesquisado, mais a baixa possibilidade de recalcitrância oferecida pelos instrumentos tradicionais de pesquisa em psicologia acabariam por produzir aquilo que buscam investigar. Para isso foi utilizado um modelo de pesquisa bastante rígido e considerado neutro, com o objetivo de mostrar que mesmo utilizando este tipo de método a possibilidade de se encontrar sujeitos totalmente puros se torna difícil, pois estes se encontram articulados no exercício dos próprios dispositivos psicológicos.

## 2) Metodologia e Resultados

A pesquisa empírica realizada no presente estudo buscou dar conta da produção de subjetividade pelo poder da verdade científica embutido nas práticas psicológicas em dois planos privilegiados: as “representações públicas” deste saber e os modos de articulação (docilidade ou recalcitrância) no trato com os seus participantes.

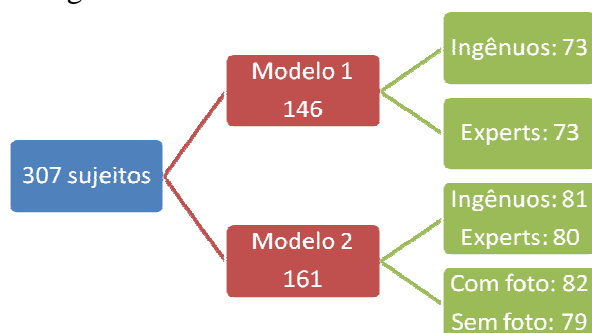
Estes aspectos podem ser estudados inclusive através de técnicas tradicionais, como escalas de atitude, questionários e observações em situações induzidas. No caso desta investigação, a utilização de algumas das estratégias de pesquisa consideradas como mais rigorosas tiveram a finalidade de trazer à tona aquilo que poderia colocar em questão a sua pureza, qual seja a predisposição prévia dos sujeitos em adotar os enunciados de natureza psicológica, em outras palavras, a sua baixa capacidade de recalcitrância. O que se desejou

avaliar com esses instrumentos foram basicamente dois aspectos:

- a) o poder de verdade dos enunciados proferidos por psicólogos em contraste com os enunciados de outros personagens (políticos e religiosos) e;
- b) a imagem do psicólogo vista no contraste com diversos tipos profissionais.

À luz destes objetivos foram montados dois instrumentos de sondagem empírica. Estes instrumentos, elaborados pela equipe que incluía estagiários e bolsistas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, tiveram a revisão de psicólogos e profissionais de diferentes áreas. Uma vez montados, eles foram submetidos ao comitê de ética em pesquisa da UFRJ, e devidamente aprovados. Estes foram aplicados em estudantes do segundo grau, assim escolhidos por se encontrarem num período em que não há ainda uma especialização profissional, apesar de já se esperar uma ampla difusão dos enunciados mais gerais de nossa cultura, inclusive a psicológica. Essa pesquisa conta com mais três aplicações anteriores, mas para a presente discussão serão priorizados os resultados mais recentes. Na mais recente aplicação foram estudados 307 estudantes das seguintes escolas públicas e privadas de diferentes regiões e classes econômicas da cidade do Rio de Janeiro: Franco-Brasileiro, Colégio de Aplicação da UFRJ (CAP), Paulo de Frontin e Colégio Conselheiro Macedo Soares.

Nesta aplicação, em cada escola, os sujeitos foram divididos em dois grupos, nomeados Grupo Expert e Grupo Ingênuo. Aos sujeitos do Grupo Expert foi explicado sobre a pesquisa e indicado que se tratava de uma pesquisa psicológica. Aos sujeitos do Grupo Ingênuo foi relatado apenas que se tratava de uma pesquisa de opinião. A divisão ficou conforme o gráfico a seguir indica:



Legenda 1: Esquema de distribuição de amostra para a aplicação de 2009

## 2.1) Modelo de questionário 1

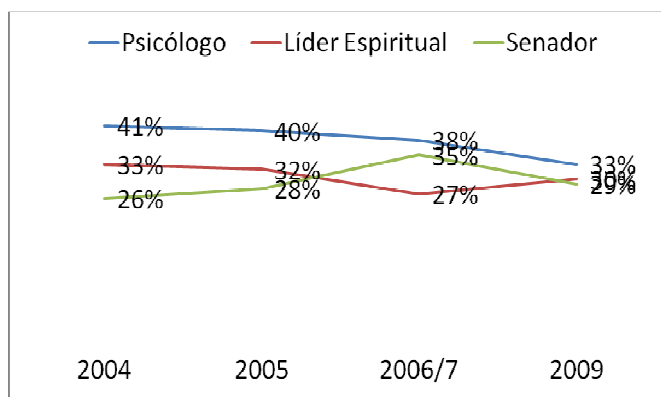
Com este modelo pretendeu-se testar a concordância do sujeito em função do enunciador do discurso. A hipótese presente foi a de que a enunciação de uma sentença, variando através de diferentes atores sociais, exerceria diferentes influências na escolha das respostas. No caso, considerou-se que haveria uma maior preferência pelo discurso proferido por um psicológico como representante do discurso científico.

Para testar essa hipótese foram formuladas três frases sobre a violência. As frases foram apresentadas para diferentes grupos de estudantes nos quais a relação entre as frases e o enunciador variou num total de seis combinações, com o objetivo de destacar se haveria preferência por algum ator social específico.

Na segunda aplicação, as frases foram trabalhadas progressivamente através de uma pesquisa de opinião referente à preferência por cada uma das sentenças. Estas foram reformuladas até que se alcançasse um equilíbrio na frequência de preferência entre elas, e,

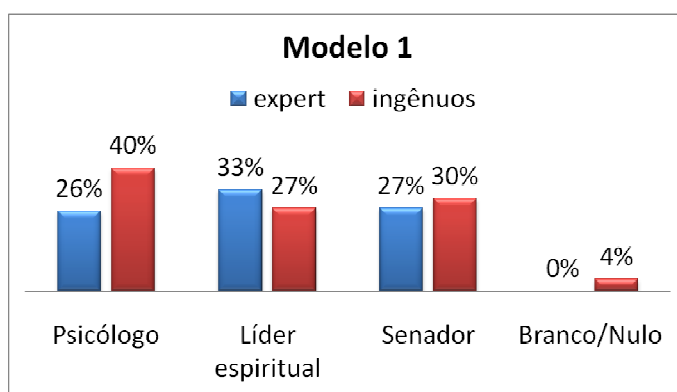
conseqüentemente, uma possibilidade de escolha mais equilibrada quanto ao conteúdo das frases. Atingido esse equilíbrio, mantiveram-se as frases para a terceira e quartas aplicações.

Nas três primeiras aplicações, através do teste do qui-quadrado, pode-se constatar que não houve uma diferença significativa nas respostas, o que nos indicou que talvez fossem necessários reajustes no instrumento ou uma amostra maior da população pesquisada. As preferências de discurso ao longo do tempo se encontram no gráfico abaixo:



Legenda 2 : Gráfico de preferência de discursos ao longo do tempo

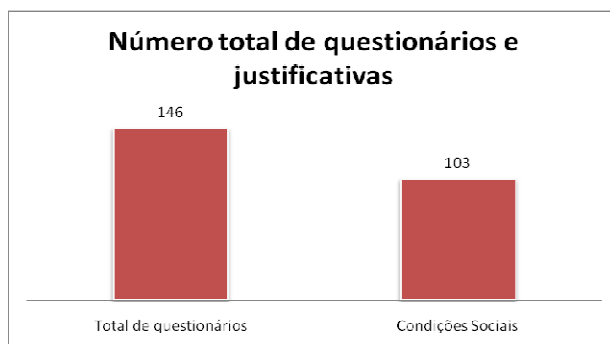
Nesta última aplicação foram tabulados 146 questionários, divididos igualmente entre sujeitos experts e ingênuos. Nessa aplicação a diferença percentual entre os atores sociais apresentou-se muito próxima para o grupo expert e, portanto não houve uma diferença significativa. Já no grupo dos sujeitos ingênuos, houve uma ligeira preferência em relação ao discurso do psicólogo. A diferença em termos estatísticos não foi significativa, mas analisando as porcentagens pode-se constatar essa preferência. Podemos relacionar essa diferença ao fato de que os sujeitos ingênuos por não estarem sabendo dos objetivos da pesquisa se comportaram de maneira muito mais dócil em relação ao instrumento e à figura do pesquisador do que aqueles que sabiam dos objetivos da pesquisa, nos mostrando que a docilidade é própria ao instrumento que faz com que os pesquisados se comportem de maneira menos recalcitrante.



Legenda 3: Gráfico de porcentagens das preferências de discurso dos grupos expert e ingênuo.

Havia também nesse instrumento um espaço em branco para os sujeitos escreverem e analisando-se os dados obtidos nesses espaços notou-se que a violência para esses sujeitos estaria relacionada às questões econômicas, políticas e sociais. Desses questionários aplicados, 103 continham palavras nesse campo semântico para justificar o tema da violência, as mais citadas foram: “bandidos”, “sociedade”, “estrutura social” e “falta de oportunidades”.

Sendo assim, uma possível conclusão seria a de que não importou de fato a autoridade do autor do discurso sobre a violência e sim que esta deveria ser analisada por uma ótica social. Portanto alcançou-se o que era pretendido com esse instrumento: não somente avaliar se haveria ou não uma preferência pelo discurso psicológico, como também esse espaço aberto para a recalcitrância pode fornecer novas questões para o problema, trazendo assim novas reflexões e maiores possibilidades de investigação futuras.



Legenda 4: Comparação entre número total de questionários e questionários com justificativas que relacionavam à violência com condições sociais.

## 2.2) Modelo de questionário 2

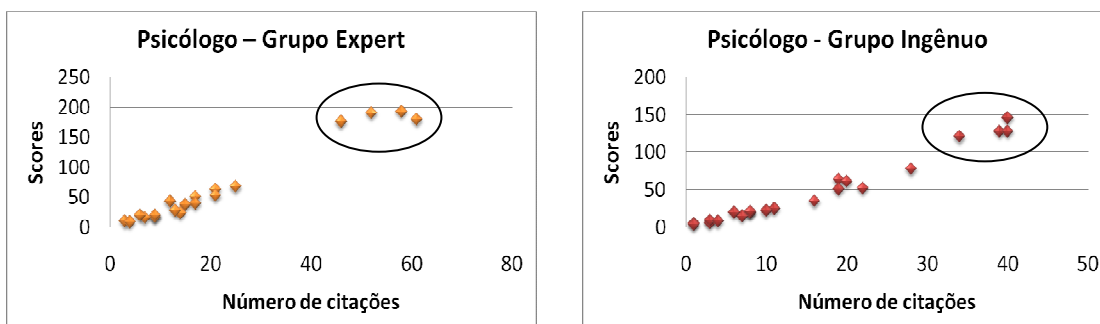
O objetivo deste modelo foi investigar se existia uma imagem do psicólogo previamente estabelecida, e caso sim, detectar que possível imagem seria esta.

Foi pedido aos sujeitos que escolhessem cinco características referentes às profissões, no caso, médico, advogado, engenheiro e psicólogo, a partir de uma lista de vinte atributos e numerar de um a cinco a ordem de preferência de suas escolhas. Esta lista de vinte atributos foi proveniente de uma primeira aplicação em que as pessoas escreviam livremente os atributos e posteriormente foram destacados os cinco mais frequentes.

Em nosso mais recente modelo a divisão foi feita somente entre 2A e 2B, sem foto e com foto respectivamente, todos os sujeitos atribuíam características para todos os profissionais e foi retirado o engenheiro da lista. A colocação da foto visa avaliar se a escolha das características poderia ser influenciada por uma imagem.

Nesta aplicação foram analisados cerca de 161 questionários distribuídos e tabulados da seguinte forma: 81 aplicados em sujeitos ingênuos, 80 em sujeitos experts. Depois divididos em com foto e sem foto e foram tabulados para cada modelo respectivamente 82 e 79 questionários (ver gráfico da legenda 1).

Para avaliarmos os resultados foi feito um gráfico cartesiano: um eixo de citação e outro de scores, onde as mais citadas e com scores mais altos apareceriam numa posição de destaque em relação às demais características. Na observação desses gráficos, desde as primeiras aplicações, certas características se mantiveram em significativo destaque para o psicólogo: observador, atencioso, calmo e amigo. Em nossa mais recente aplicação, tanto para sujeitos ingênuos como para os experts as características mais citadas para o psicólogo foram novamente as mesmas. Isto pode nos levar a pensar que há uma imagem fortemente estabelecida do psicólogo nos indivíduos analisados. Sendo assim pode-se pensar que a idéia de um campo neutro e sem interferências na psicologia não é possível, bem como a existência de sujeitos ingênuos, pois a presença do psicólogo enquanto representante do saber científico poderia alterar os resultados e acabaria por construir as próprias verdades que busca descobrir.



Legenda 5: Gráficos cartesianos com as coordenadas das características mais relevantes para o psicólogo, dos grupos expert e ingênuo.

Os pontos circulado correspondem às características: amigo, atencioso, observador e calmo, respectivamente em ambos os gráficos.

### 3) Conclusão

A partir dos resultados pode-se problematizar uma série de questões não somente em relação à pesquisa em si e aos instrumentos assim como possíveis desdobramentos obtidos através de reflexões trazidas por problemas desta pesquisa.

Quanto à imagem do psicólogo, apesar de ser verificável que ela permanece constante para todos os grupos e ao longo do tempo, não se pode tomar essa imagem como absoluta, pois foram através das características já fornecidas de maneira prévia aos sujeitos que estes elaboraram suas respostas. Deve-se pensar então que apesar de ser uma escolha dos sujeitos, as características foram fornecidas pelos pesquisadores e, portanto essa imagem para o psicólogo, não deixa de ter sido também construída em parte pelos próprios pesquisadores.

Quanto à preferência pelo discurso psicológico pode-se notar que este está em grau de importância igual aos demais, e observando as respostas no modelo número 1 onde os sujeitos puderam se colocar e analisando essas respostas de maneira qualitativa, percebeu-se que a questão para o grupo estudado sobre o tema da violência, não importava o especialista a dar depoimento sobre a questão e sim analisar a violência através de uma ótica mais social. A autoridade dos atores sociais apresentados não foi questionada, o que foi questionado foi o fato de a violência ser um problema social.

Também se pode notar que a recalcitrância e a docilidade são próprias aos instrumentos e aos métodos de pesquisa. Ao se tratar os sujeitos como ingênuos, eles tendem a se comportar de maneira mais dócil em relação não só aos instrumentos como também a figura do pesquisador. E ao fornecer um espaço para que estes possam ser recalcitrantes se permite colocar novas questões e novas informações ao problema original, permitindo que este se transforme, expanda e enriqueça, resultando assim em uma maneira de fazer ciência que se abra a novas questões se exponha ao risco de invalidação, que se construa junto ao seu campo, saindo de um modelo tautológico onde somente se pode comprovar ou refutar hipóteses, tornando-se dessa maneira mais articulada e mais forte.

A neutralidade científica então deixaria de ser um problema, pois se mudaria o foco da questão do que é científico, para o que é fazer ciência. Uma ciência neutra então entraria em contraste com uma ciência interessada. Os desdobramentos desse pensamento para a pesquisa em psicologia, para a Psicologia enquanto ciência, e para as ciências em geral são de grande valor.

Uma importante consequência para a pesquisa em psicologia e para a Psicologia em si estaria justamente no fato de que a existência de várias correntes psicológicas não constaria

mais como uma fraqueza, como uma falta de cientificidade, e sim se tornaria sua maior potência devido ao número de versões que esta possui e com o maior número de articulações que estas correntes poderiam se conectar, formando uma rede complexa e bem conectada.

O mesmo se vale para o campo das outras ciências, principalmente as humanas, pois com o que foi estudado nessa pesquisa ao colocarmos novas questões e reformulando novos problemas, produz-se maiores articulações, o que poderia tornar os limites entre as diversas ciências mais porosos, ou seja, uma interdisciplinaridade entre temas e pesquisas que construiriam redes cada vez maiores e mais articuladas do saber científico.

#### 4) Referências Bibliográficas

Bernard, M. (1983). A psicologia. Em Chatelêt, F (Org.). História da Filosofia. Idéias doutrinas. Vol. 7. Lisboa: Dom Quixote: 19-88.

Despret, V. (1999) Ces émotions que nous fabriquent. Etnopsychologie de l'authenticité. Synthélabo, Le Plessis-Robinson.

Despret, V. (2002) Quand le loup dormira avec l'agneau. Paris: Les empecheurs de penser en ronde.

Despret (2004) Le cheval qui savait compter. Paris: Les empecheurs de penser en ronde.

Ferreira, A. A. L. (2001) Por que existem tantas psicologias? Revista do Departamento de Psicologia da UFF. v.13: 9-16.

Ferreira, A. A. L. (2006) O múltiplo surgimento da psicologia. Em História da Psicologia: rumos e percursos. Rio de Janeiro: Editora Nau: 13-46.

Ferreira, A. A. L., Velasquez, B. B., Lima, F. N. M., Monteiro, L. A., Carvalho, M. M., Paula, E. O., Halbriter, P., Baptista, I., Bueri, F., Roitman, M. (2004) A psicologia como instrumento de produção de subjetividades. Temas em Psicologia (Ribeirão Preto). , v.2, p.5 (edição eletrônica).

Ferreira, A. A. L., Carvalho, M. M., Leitão, A. N., Halbriter, P., Zidan, P., Basílio, E. G. (2005) A psicologia no mundo das subjetividades em produção. Série Documenta (UFRJ), v.16 (edição eletrônica).

Foucault, M. (1977) Vigiar e punir. Petrópolis: Vozes.

Latour, B. (1983). 'Give me a Laboratory and I Will Rise a World'. Em Knorr, Karin & Mulkay, Michael (Eds), Science Observed. London:Sage Publications: 141-174.

Latour, B. (1985). Les “vues” de l' esprit. Une introduction à l' anthropologie des sciences et des techniques. Culture technique, vol. 14: 5-29.

Latour, B. (1991). The Impact of Science Studies on Political Philosophy. Science, Technology & Human Values. Vol. 16, nº 1: 3-19

Latour, B. (1994). Jamais fomos modernos. Rio de Janeiro: Editora 34.

Latour, B.(1997). As Variedades do Científico. Folha de São Paulo, Mais!: 3, 2 de novembro.

Latour, B. (1998-B) 'Universalidade em pedaços'. Folha de São Paulo, Mais!: 3, 13 de setembro.

Latour, B. (2001-A) “O fluxo sangüíneo da ciência: um exemplo da inteligência científica de Joliot”. Em A esperança de Pandora. Bauru: EDUSC: 97-132.

Latour, B. (2001-B). “Glossário”. Em A esperança de Pandora. Bauru: EDUSC: 345-356.



- Latour, B. (2004). How to talk about the body. Em Body & Society vol. 10 (2-3). London, Thousand Oaks and New Delhi: SAGE Publications: 205-229.
- Rose, N. (1998) Inventing our selves. Cambridge: Cambridge University Press.
- Stengers, I. (1989) Quem tem medo da ciência? Tradução de Eloísa de Araújo Ribeiro. São Paulo: Siciliano.